

A AMAZÔNIA REDESCOBERTA

Jarbas Passarinho

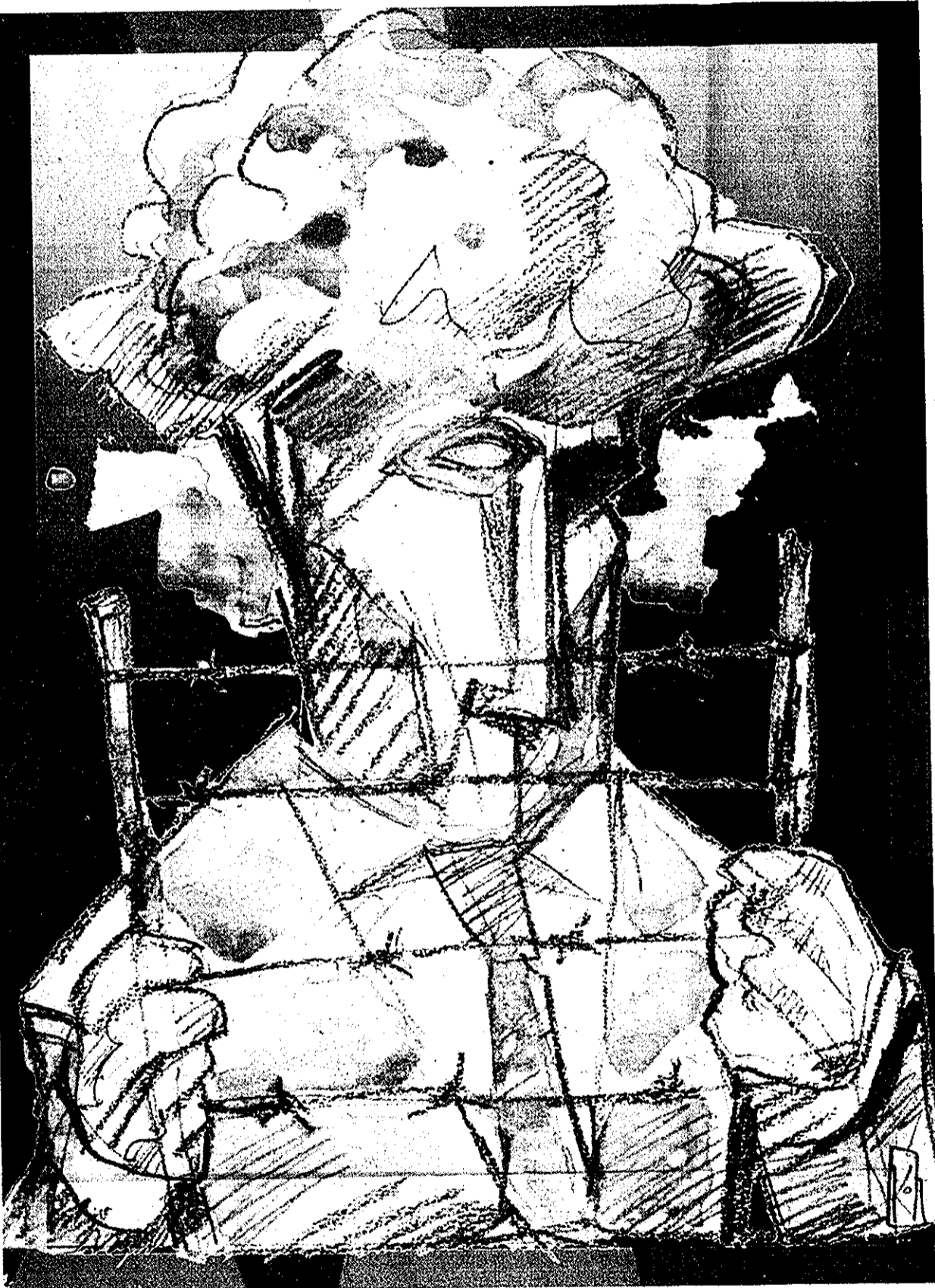
Confesso que, homem da Amazônia, ou integrante dos "povos da floresta", como agora se costuma dizer, sofro de uma confusão de sentimentos, quando vejo tantos defensores atuais da região em que nasci e onde passei boa parte de minha vida. É que no passado os amazônidas viveram entregues à própria sorte, como se fôssemos parte do território nacional apenas por uma questão de determinismo geográfico.

No começo do século, quando a borracha era a segunda fonte de receita de exportação do Brasil, a União não soube ou não quis preservar essa riqueza, deixando-a declinar, a partir do descaminho dos milhares de sementes para a Inglaterra, do que se originariam as grandes *plantations* das colônias britânicas no Sudeste asiático. Desperdiçamos um grande bem que a natureza nos legara. Ficou a história do esbanjamento dos senhores de seringais, acendendo charutos com notas de muitos mil-réis, Manaus e Belém ostentando em seus prédios a arquitetura européia e em seus dois teatros, verdadeiros monumentos ainda hoje admirados. Enquanto em um hectare, onde se encontrava a *Hevea Braziliensis*, o seringueiro colhia látex de no máximo dez árvores, na mesma área plantada no Ceilão havia até quinhentas árvores. Impossível a competição econômica com as colônias, o que levou Ford a tentar fazer a heveacultura no próprio *habitat* natural. Obteve a concessão de área no vale do Tapajós, de onde haviam saído as sementes para Liverpool. Sobreveio o fracasso em Fordlândia, como passou a ser denominada a região do experimento americano, e posteriormente em Altamira, onde ainda existem seringueiras, uma espécie de marco melancólico do passado e testemunho constrangedor do presente. A cultura, plantando as árvores compactadas em um hectare, provocou a praga das folhas, o que não se deu na Ásia. Perdida a riqueza fácil, ficamos marcando passo, à espera de que a civilização nos alcançasse.

Nisso se passaram décadas.

O constituinte amazonense Leopoldo Peres, em 1946, introduziu na Constituição a obrigação de a União empregar 3% da receita tributária na Amazônia, o que nenhum presidente da República cumpriu no todo. Veio a criação, em consequência, da Superintendência do Plano de Valorização da Amazônia (SPVEA), plano que submetido ao Congresso nele dormitou mais de dez anos e nunca foi aprovado!

Logo o Nordeste fez valer sua força política e foi criada a Sudene, enquanto a SPVEA se transformava em Sudam, na política do presidente Castello Branco de incentivos fiscais, cujo balanço é desanimador e manchado por fraudes monumentais. Mais exitosa foi a Sufrema, do mesmo tempo.



Muito antes disso, o presidente Getúlio Vargas criou os territórios federais, e não apenas na Amazônia, mas os que foram mantidos limitaram-se ao Pará (O Território do Amapá) e o Amazonas (Os Territórios do Guaporé e do Rio Branco, hoje estados respectivamente de Rondônia e de Roraima). É isso que está, segundo leio, nos planos do presidente Fernando Henrique. A política getulista deixou um saldo favorável, no tocante aos territórios federais. Eles dinamizaram o desenvolvimento das suas regiões afastadas dos centros principais, nem todos, contudo, muito bem sucedidos desde logo.

O objetivo no momento afirmase ser outro: mostrar à famosa cobiça internacional que a Amazônia

está atenta às más intenções estrangeiras, ou mais propriamente o suposto apetite americano estimulado pelas riquezas do subsolo amazônico. Assim, os dois novos territórios federais, a serem desmembrados do Amazonas, fortaleceriam a ocupação da área, conjugando a presença militar como desenvolvimento político, uma vez presente o governo central na fronteira, no extremo do arco oeste da Amazônia. Oficial de Estado-Maior que passei os meus últimos dez anos da vida militar no Comando Militar da Amazônia, bem sei quanto de dificuldade tática teríamos para defender nossa fronteira ocidental naquela região. Não muito tempo atrás eram poucas as pequenas uni-

dades militares a balizar a fronteira. Por vezes, apenas um pelotão de Infantaria a hastear em mastro tosco a Bandeira Nacional nas margens dos rios. Mas era o suficiente para dizer sem arrogância porém com altivez: "Esta terra tem dono", como exclamou o cacique famoso no território das Missões, no Rio Grande do Sul. Embora consciente de que não se garante a soberania apenas com esses novos territórios a ser criados; é de todo conveniente lembrar a sabedoria popular contida nos provérbios. Um deles diz que: "Boas cercas fazem bons vizinhos".

Jarbas Passarinho, presidente da Fundação Milton Campos, foi ministro de Estado, governador e senador